

Firma de médico que matou 2 tem contratos com a Prefeitura

Cirmed presta serviços à Rede Mário Gatti e soma cerca de R\$ 80 milhões em contratos ativos



Crime em frente a um restaurante em Alphaville, Barueri, na Grande São Paulo

Por Moara Semeghini

A prisão do médico e empresário Carlos Alberto Azevedo Silva Filho, acusado de matar a tiros dois colegas de profissão em frente a um restaurante em Alphaville, em Barueri, reacendeu questionamentos sobre contratos públicos firmados por sua empresa, a Cirmed Serviços Médicos, com administrações municipais, entre elas a Prefeitura de Campinas. O crime ocorreu na noite de sexta-feira (16), após um encontro entre os três médicos que evoluiu para uma discussão e agressões físicas no interior do estabelecimento, o que levou ao acionamento da Guarda Civil. Segundo as investigações, após a intervenção, os agentes não encontraram armamento com o autor dos disparos. Porém, após a saída do grupo do local, Carlos Alberto Azevedo Filho teve acesso a uma arma de fogo e efetuou diversos disparos contra Luís Ro-

berto Pellegrini Gomes, de 43 anos, e Vinicius dos Santos Oliveira, de 35, que morreram ainda na via pública. O autor dos tiros foi preso em flagrante e permanece à disposição da Justiça. Ele foi preso em flagrante e permanece à disposição da Justiça.

Em depoimento à TV Globo, o delegado responsável pelo caso, Schiffmann, afirmou que uma das linhas de apuração aponta para um conflito empresarial entre os envolvidos, relacionado à disputa por contratos de prestação de serviços médicos. Pellegrini era proprietário de uma empresa concorrente da Cirmed e Vinicius atuava como coordenador médico da mesma companhia.

Em Campinas, a Cirmed mantém dois contratos ativos com a Rede Mário Gatti de Urgência, Emergência e Hospitalar, que somam cerca de R\$ 80 milhões. Um deles, no valor de aproximadamente R\$ 51 milhões, prevê a prestação de servi-

ços médicos e multiprofissionais no Hospital Ouro Verde, incluindo atendimento em pronto-socorro, especialidades, exames cardiológicos e assistência domiciliar, além do fornecimento de equipamentos e transporte. O segundo contrato, de cerca de R\$ 29 milhões, é voltado à prestação de serviços de anestesiologia nos hospitais Ouro Verde, Mário Gatti e Mário Gattinho.

Ambos os contratos foram firmados por meio de licitação e têm vigência de até três anos. Em um dos processos, houve questionamento judicial apresentado por uma empresa concorrente, que alegava a existência de sanção administrativa aplicada à Cirmed em Porto Alegre. À época, a Justiça concedeu liminar suspendendo a execução do contrato, mas a decisão foi revertida posteriormente, sob o entendimento de que a penalidade não impediria a participação da empresa em licitações no Estado de São Paulo.

Em nota divulgada nas redes sociais, a Cirmed classificou o caso como um “fato pessoal e isolado” envolvendo um de seus sócios e afirmou que o episódio não reflete os valores da instituição nem afeta suas operações, contratos ou rotinas internas. A empresa garantiu a continuidade da prestação de serviços mas não detalhou quem assume a direção executiva do grupo após o afastamento do médico.

Além dos contratos em Campinas, a Cirmed também mantém relações comerciais com a Fundação ABC, entidade que administra serviços de saúde em municípios do ABC Paulista. A fundação foi citada em investigações da Polícia Federal no âmbito da Operação Estafeta, que apura suspeitas de corrupção em contratos públicos em São Bernardo do Campo. A Fundação ABC nega qualquer irregularidade, afirma não ser alvo da investigação e declarou não manter con-

trato vigente com a Cirmed no município.

As investigações sobre o duplo homicídio seguem sob responsabilidade da Polícia Civil, que apura as circunstâncias do crime e as motivações do ataque. Enquanto isso, o caso lança luz sobre a atuação de empresas privadas na gestão de serviços públicos de saúde e sobre os mecanismos de controle e fiscalização adotados pelos municípios em contratos de alto valor.

Em nota, a Rede Mário Gatti informou que o episódio envolvendo Carlos Alberto Azevedo Silva Filho não compromete a continuidade dos serviços prestados pela Cirmed nem o cumprimento das obrigações contratuais. A autarquia afirmou ainda que a empresa solicitou a retirada do médico do quadro societário e a troca de preposto, destacando que os dois contratos vigentes foram firmados por licitação e seguem regulares.

Pesquisas da Unicamp analisam os efeitos dos microplásticos no organismo

Estudos recentes indicam uma presença crescente de microplásticos nos alimentos. Pesquisadores da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp investigam os impactos dessas partículas no organismo humano e analisam possíveis associações com doenças ósseas, como a osteoporose. As pesquisas são lideradas pelo professor Rodrigo Bueno de Oliveira, coordenador do Laboratório para o Estudo Mineral e Ósseo em Nefrologia (Lemon), da FCM, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

“A relação entre microplásticos e saúde humana é um campo relativamente recente. Embora

os plásticos façam parte do cotidiano há mais de um século, o entendimento sobre seus efeitos no organismo humano não ultrapassa seis anos. Atualmente, é comum que os alimentos sejam acondicionados em recipientes plásticos, o que expõe o trato gastrointestinal a essas partículas. Elas conseguem entrar na circulação e já foram identificadas em artérias carótidas, no cérebro, na urina, na placenta e até no esqueleto”, explica Oliveira. Segundo o pesquisador, ainda não há consenso científico sobre quais doenças podem estar associadas à ingestão dessas substâncias. “Na área óssea, buscamos entender se os microplásticos estão relacionados ao desenvolvimento da osteoporose. Para isso, estudamos, em modelos animais, os efeitos



Freepix

Estudos indicam presença de microplásticos nos alimentos

dessas partículas na resistência, na composição e no metabolismo do tecido ósseo. Os resultados devem ser divulgados em breve.”

A nutricionista e professora Andressa Mara Baseggio, da Fa-

culdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Unicamp, destaca que, de acordo com a literatura científica, os alimentos mais associados à presença de microplásticos são os de origem aquática, como pei-

xes e frutos do mar, além do sal marinho e da própria água potável. “O principal problema está na quantidade de resíduos plásticos que chega aos oceanos e aos rios”, afirma.

Um artigo científico publicado por um grupo internacional de pesquisadores aponta que roupas confeccionadas com fibras sintéticas — como poliéster, poliéster com algodão e acrílico — podem liberar mais de 700 mil fibras de microplásticos a cada lavagem em máquina, considerando uma carga de seis quilos. Essas partículas acabam sendo transportadas para os corpos d’água. O estudo indica ainda que uma pessoa pode ingerir, em média, cerca de cinco gramas de microplásticos por semana, o equivalente aproximado ao peso de um cartão de crédito.